por PAULO CEZAR SOARES | fotos EDU MONTEIRO

... Oswaldo Montenegro, QUE É FILHO DE MILITAR E EX-JOGADOR DE FUTEBOL DE SALÃO, FALA SOBRE AS CINCO EX-MULHERES E DE SUA PASSAGEM PELO FUTEBOL E EXPLICA POR QUE PINTOU AS PAREDES E O TETO DE SEU APARTAMENTO NO RIO

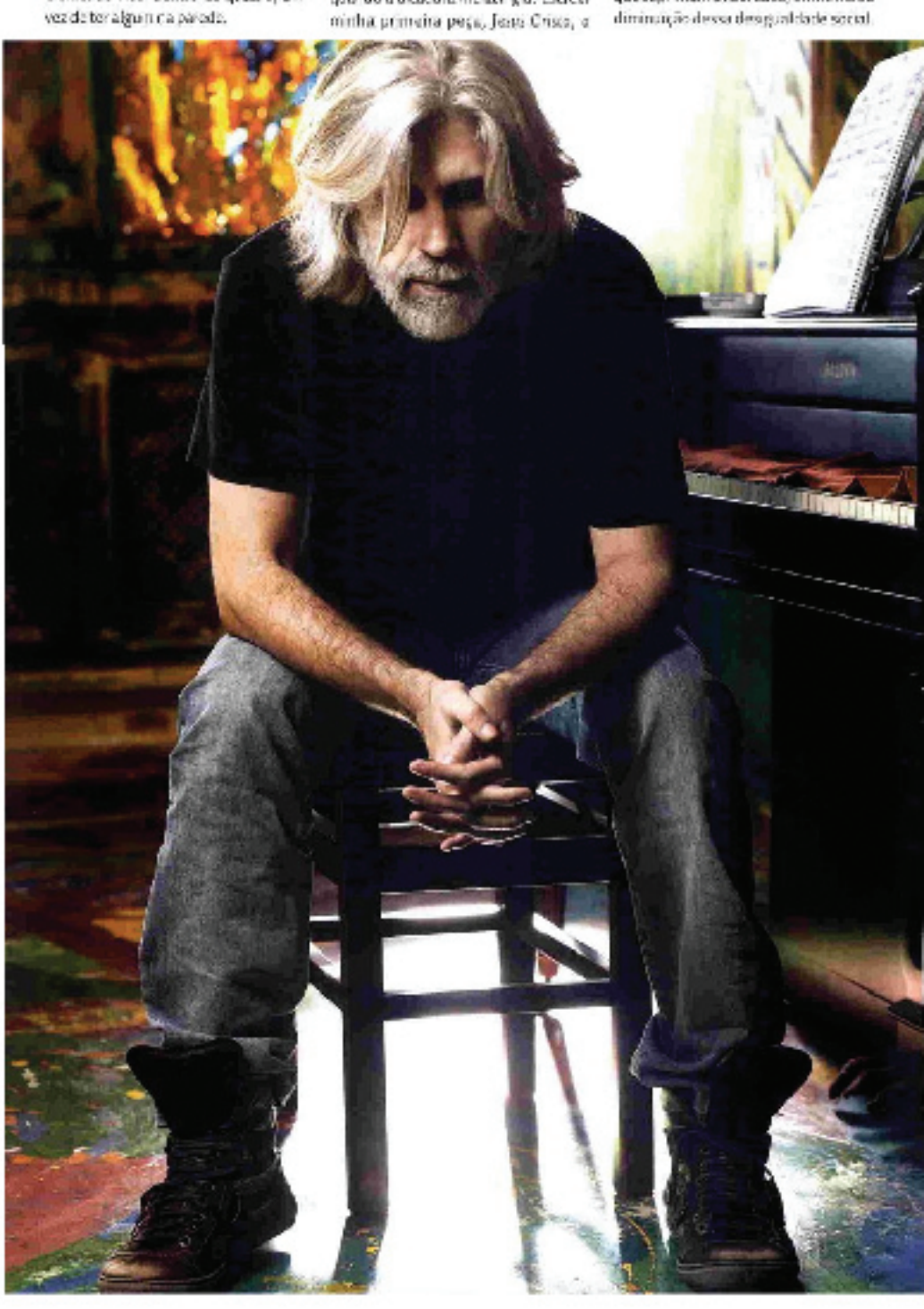
Você é carioca, morou em São João Del Rey, em Minas, e depois em Brasília. Qual o motivo de tantas mudanças?
Meu pai era militar e era transferido o tempo todo. Então, essa vida de viajante que a minha comida me proporcionou depois, eu, de certa forma, já tinha quando criança. Tive um choque cultural muito forte ao conhecer São João del Rey, que é uma cidade bárbara, sinistra, composta de vó, para uma cidade como Brasília, um imenso canteiro de obras, que estava começando naquele momento amplo, uma cidade com excesso de espaço, parecia que tinha levado o ar. Foi uma mudança muito grande de um lugar para o outro. Brasília é o oposto de São João del Rey.

Seu apartamento é muito colorido, do chão ao teto. Por que resolveu pintá-lo dessa forma?
Venho dizendo o apartamento de cinco anos para cá. Estava fazendo um balé chamado Tela para o grupo Camaleão, de Belo Horizonte. Pesquisando, vi um documentário sobre o ateliê de Miró. Gostei de viver dentro do quadro, em vez de ter alguém na parede.

Como surgiu a ideia do filme Lisbela e Eu (2010)?
Escrevi essa peça em 1984. Teatro e cinema são línguas completamente diferentes. De lá para cá, vinham tentando adaptá-la para cinema. A história é semiautobiográfica. Algumas coisas eu vivi, algumas coisas eu inventei, algumas coisas eu misturei. Essa é a história de Lisbela.

Quais são as suas referências em relação ao período da ditadura no Brasil?
Primeiro uma estrutura muito forte pela família ser militar. Ele era um militar muito liberal. Foi a primeira pessoa que me deixou claro que a minha posição, no bar, bebendo cachaça às 6h da manhã e dizendo "abaixo a ditadura" ao lado de quem estava lutando contra, era a posição de uma esquerda festiva. E que ele, aí dentro do quartel, lutando para que os militares fossem menos radicais, estava funcionando melhor do que eu. A primeira sensação que eu tive foi de que eu era da esquerda festiva. E a segunda sensação foi quando a ditadura me atingiu. Escrevi minha primeira peça, Jesus Cristo, o Rei do Carpaço, que foi censurada. Fui chamado pela censura até ameaçado. Eu tinha 17 anos. Esse susto foi muito violento. Além de censurarem a peça, me disseram: "Olha, se seu pai não fosse militar, você ia dançar agora". Foi uma ameaça. Então, eu tive o encontro-o primeiro, de maneira burguesa, superficial, e o segundo, sofrido na pele mesmo.

Define-se politicamente?
Sou um democrata. Tenho horror a qualquer regime, qualquer um, que determine a ingerência do Estado demasiadamente. Não acredito em certezas absolutas. Não gosto dessa ideia. O quanto tomaria um fumo de centro-esquerda, no sentido de que, sim, deveria ter uma política assistencialista, em que você, por meio do crescimento, do imposto de renda, do apoio às causas sociais, minimiza a desigualdade social. Por mim, disse-o da educação. Mas eu não aceito a ideia de que se justifiquem regimes fortes, totalitários, que suprimam a liberdade, em nome da diminuição dessa desigualdade social.



Qual a sua opinião sobre o Lula?
Lula é um homem extremamente carismático, que tem uma trajetória de vida que todo mundo tem que respeitar, pois é uma trajetória singular, de um homem diferenciado, que tem um imenso carisma. A parte literalmente política e econômica, eu não estou abalizado para comentar (risos). Seria uma irresponsabilidade da minha parte comentar.

Você gosta mais de cantar ou de compor?
De compor. A criação é a minha grande alegria.

Você atua em diversas áreas do universo cultural. É um artista multimídia.
Eu parto da música. Sou basicamente músico. Comecei minha carreira como instrumentista profissional, acompanhando cantores como Jorge Veiga (1910-1979), o grande cantor de samba de breque, escrevendo arranjos, trilhas. Depois, fui tocando outras coisas por paixão, porque gosto delas, sendo que o teatro foi onde eu mais atuei, fora a música. E agora, o cinema. Mas vejo todas essas áreas nas quais atuo como tangenciais à música. Eu faria, e faço, uma música ser um filme, mas não faria um filme ser uma música. Quer dizer: no filme, eu entro tanto como autor da música quanto como autor do roteiro.

Sua peça Filhos do Brasil recebeu cinco prêmios no Festival de Teatro do Rio de Janeiro, em 2010, e um elogio, digamos, apoteótico, do saudoso escritor Moacyr Scliar (1937-2011). Qual foi a sua reação?
Fiquei extremamente honrado. A gente nunca deixa de ser fã. Mesmo depois de se tornar artista, você continua fã. Sempre fui muito fã de Moacyr Scliar e fiquei muito orgulhoso mesmo. Achei que o amor dele pela minha obra merecia uma sensação de que tudo valeu apena. Motivo.

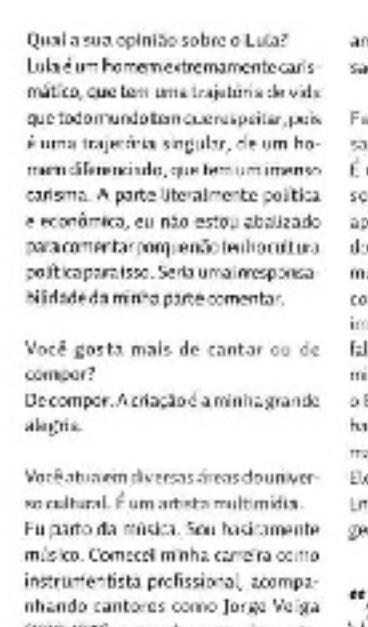
Fale um pouco sobre a temática dessa peça.
É um olhar sobre o Brasil. Um olhar sobre o Brasil múltiplo. Um olhar apaixonado sobre o país mais lindo do mundo, por ser misturado, por ser múltiplo. Aqui você não precisa falar contra o nazismo porque a miscigenação impede o nazismo. Você não precisa falar de fundamentalismo porque estão misturando Xangô com Cristo. Então, o Brasil já não é fundamentalista por base. Essa beleza do Brasil é a coisa mais importante do terceiro milênio. Ele é sociologicamente corajoso. Então, Filhos do Brasil é uma homenagem ao Brasil o tempo todo.

> "AS PESSOAS VÃO TENDO UMA VIDA TEDIOSA, NA MEDIDA EM QUE NÃO OUSAM. ELAS TÊM QUE LARGAR SEU EMPREGO, SEU CASAMENTO."

Tem alguma canção sua que mais o marcou?
A música "Bandolins" (de 1980), seu primeiro sucesso, por exemplo. Eu era visto como um compositor complicado pela gravadora. "Bandolins" era considerada uma música com uma harmonia sofisticada, que nunca seria consumida de forma popular. Mas foi ela que me diabolizou, pois chegou ao povo. Isso foi um marco. Passei de um cara que tinha pedra de intelectual, de sofisticado, que nunca seria popular, para um cara que poderia ter suas canções acessíveis ao povo.

E o CD Da Passagem, lançado no final do ano passado?
Um disco só de músicas inéditas, que a gente começou com um pré-lançamento muito doido, que é esse de oferecer R$ 30 mil para quem fizer o melhor clipe sobre a música "Eu Quero Ser Feliz Agora". Foi uma experiência interessantíssima! Recebemos vídeos de tudo que é lugar do mundo sobre a música. São milhões de visões diferentes sobre a minha canção. (O resultado será divulgado no dia 4 de março, no dia oficialmente agraciamos, a premiação será realizada no dia 17 do mesmo mês.)

Qual era o seu estado de espírito ao compor a música "Eu Quero Ser Feliz Agora"?
Eu queria dizer para as pessoas, eu quero dizer para as pessoas que é muito fácil a vida ficar chata. Existe uma ofensiva muito mau-caráter dizendo que, se você desistir de suas vontades, vai receber uma nova segurança. Segurança só existe em casas lógicas. Você tem que ter lógica para construir uma ponte, para operar um apêndice, mas não para a vida emocional, para as opções que tem na vida. A vida é uma invenção; a vida é coisa rápida. E as pessoas têm que viver essa coisa de maneira intensa. Para que a sociedade funcione, ela diz para o cara: fique no rebanho, siga essa trilha aqui. E as pessoas vão tendo uma vida completamente tediosa, na medida em que não ousam. Elas têm que largar seu emprego, seu casamento, porque o mundo é grande. Ao mesmo tempo, as pessoas são donas do tempo que têm, e esse tempo é tarifado, é muito rápido. É uma música em que eu estou gritando para as pessoas: bota pra quebrar, bicho! Você tem direito. Eu acho o ser humano um fim em si mesmo. Ele não precisa ser parte da boiada.



A faixa "Não Importa Por Quê" é uma crítica à modernidade?
Não. É uma análise da modernidade. Eu sou um apaixonado pela modernidade. Falo de tudo o que possa com uma velocidade vertiginosa e que aquele afeto contínua. É uma singela homenagem. Tudo está passando rápido e você permanece.

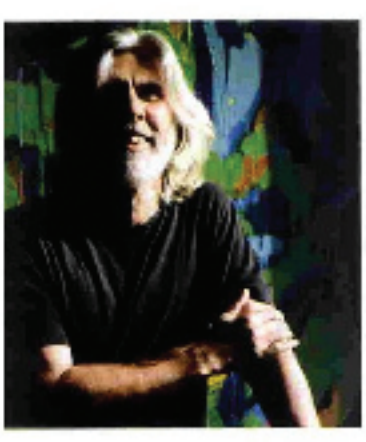
Qual é a sua religião?
Não tenho religião. Não tenho nenhuma fé. Adoraria ter. Acho que o universo tem coisas que a lógica cartesiana não entende e não explica. E acho que a ciência está mais perto em procurar essas coisas, mesmo se ma da lógica, do que a separação mística. Acho que no final o misticismo e a ciência vão se encontrar. Mas confesso entender as explicações para os fenômenos inéditos que a gente vê. Acredito nos fenômenos, mas acho as explicações para eles um pouco ingênuas, um pouco pretensiosas. A não ser quando vêm da ciência. Sou um homem apaixonado pelo dentista. Acho que o cientista tem uma busca tão profunda quanto o místico, sendo que ele tem a humildade de dizer quando ele não sabe, antes de ser quando consegue provar.

Mas a religião não precisa provar, porque é uma questão de fé.
Tem toda a razão. Eu religião é um dom que eu não possuo. Não possuo o dom de acreditar no que eu não entendo, mas possuo uma certa capacidade de sentir que a vida é mais do que se vê. Sinto que a vida é mais do que eu entendo. O que eu invisto é em escolher isso. As religiões vêm com dogmas e com explicações muito certas, muito convictas, dizendo como é que funciona. Todas elas falam isso. Eu fico pensando: como as pessoas acham que sabem como é que funciona? Eu queria muito ser assim. Mas não sou. Sou um homem crivado de dúvidas. A dúvida é que orienta. A dúvida é o que me leva.

Você tem medo de morrer?
Muito menos. Eu deixei de ter esse medo quando eu comecei a morrer. Como não tenho religião, isso dá um pânico.

Você é considerado um cara bem-sucedido com as mulheres. Dá para revelar sua estratégia, ou é segredo?
Sou um homem extremamente bem-sucedido no afeto. Coloquei o afeto acima de tudo na vida. As pessoas têm a impressão de que o sucesso, a grana, o poder são de alguma ordem, missão. É claro que as necessidades básicas são bacanas. Mas estou defendendo a ideia do afeto dentro de uma cabana, não. Mas eu cultivei o afeto acima de tudo. Então, tenho um grande orgulho de ser muito amigo, muito amigo mesmo, das minhas ex-mulheres, com quem me relacionei na vida. Acho isso fundamental. Se você não for amigo de ex, a vida é muito triste (risos).

Você tem quantas ex-mulheres?
Eu amei com cinco pessoas, a quem dedico a maior gratidão e o maior afeto. Paloma (a atriz Paloma Duarte,



mãe dos dois ex-mulheres) é uma grande amiga. Uma das pessoas que mais admiro no mundo.

É muito comum as mulheres reclamarem que está faltando homem na praça. E que os que existem não querem nada sério. Será mesmo?
Não estamos vivendo um momento pós-feminista. É muito curta essa mudança. As mulheres estão muito angustiadas, querendo distinguir o que delas é um desejo delas de verdade e o que é real, que a mulher merece e precisa, ainda bem que conquistou, e o que delas é uma sensação de tábua oriental, que ainda precisa do homem na velha versão. Todavia que uma mudança acontece, as coisas demoram a se acomodar no lugar. O século 20 foi de muitas tentativas de mudança. Então, o início do século 21 é justamente o momento em que essas mudanças estão se acalmando. É como depois de um terremoto: a terra voltar para o seu lugar. É nesse momento que a mulher vive agora e o homem também.

Mulheres e trabalho à parte, você gosta de futebol?
Eu sou flamengo e fui jogador de futebol de salão. Joguei no Grajaú Tênis Clube. Fui convidado para jogar no Fluminense. Era brique. E era [minha] terceira opção (risos). Tive um jogo contra o Flamengo, e o Adílio ("Lombo de Adílio", pergunta Oswaldo. Adílio foi jogador de aparado ídolo. Jogou no time do coração do Flamengo, onde jogou de 1978 a 1987 e, ao lado de craques como Zinho e Zico, formou um dos mais talentosos times do futebol do [time] me deu um "chinho de bola". Inacreditável. A partir daí, agradeci ao meu convite para ir jogar no Fluminense. Nunca mais tentei ser profissional. Jogava muito o Adílio depois a gente conta essa história pra ele. Adílio me humilhou nesse esporte bretão (risos).